



umanitas

73

à historiografia, outros sobre a interdependência entre política e filosofia, e outros ainda privilegiem considerações de ordem linguística. Uma tal diversidade de perspectivas, circunscrita a uma época de grande abertura política, social, e artística, permite igualmente actualizar e enriquecer uma bibliografia que não pára de crescer (como é de regra, cada artigo, excepto um, encerra com referências bibliográficas).

E, por último, agrada constatar e apreciar – mas sem sombra de sobrançerias ou complexos eurocêntricos – como o Mundo Clássico, com particular incidência no mundo grego, mas igualmente no romano, tem tantos e tão dedicados cultores no chamado Novo Mundo.

VIRGÍNIA SOARES PEREIRA

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

virginia.soarespereira@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-6031-0527>

https://doi.org/10.14195/2183-1718_73_14

SEBASTIANI, Breno B., *Fracasso e verdade na recepção de Políbio e Tucídides*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, 2017, 215 pp. ISBN: 978-989-26-1470-0

Recensão submetida a 03/04/2018 e aprovada a 05/07/2018

Fracasso e verdade na recepção de Políbio e Tucídides, da autoria de Breno Battistin Sebastiani, professor de Língua e Literatura Grega da Universidade de São Paulo, e especialista em historiografia grega antiga, resulta da reunião de oito textos, dos quais seis foram originalmente publicados como artigos ou capítulos de livros.

Como o próprio título anuncia, a obra tem por eixo a receção de Tucídides e Políbio, estabelecendo nexos comparativos intra, inter e transnarrativos entre a sua condição de fracassados *apostretegoi* (exilados de guerra) e a sua atividade como historiadores, reveladora de espíritos dialéticos e abertos. Por conseguinte, “receção mediadora e comparativa” é o que melhor define e sistematiza o trabalho de Breno Sebastiani no conjunto dos oito estudos. Simultaneamente, “a vida mestra da história” (inversão do famoso apotegma ciceroniano *historia magistra uitae*), admitido como repto exploratório, permite especular sobre o modo como o fracasso

político-militar próprio e alheio se reflete na escrita da história. Por outras palavras: o modo como a experiência de vida de cada um e os respetivos pressupostos críticos e epistemológicos metarreflexivos se projetam na escrita da história e daí, por intermédio da leitura, se fazem novamente vida e pensamento, transmitidos à praxis refiguradora do leitor.

Adotando um registo eminentemente ensaístico e filosófico, sustentado por um sólido e eclético aparato científico, donde se destaca a obra de T. Eagleton (*The event of literature*), a obra de Breno Sebastiani abre com uma série de reflexões preliminares, sob o título de “Cômputos”, que funcionam como introdução geral, e servem também para clarificação de conceitos e de coordenadas metodológicas.

Segue-se o capítulo 2: “O olhar sobre si mesmo: fracasso e lucidez em Tucídides e Políbio”. Estendendo às narrativas não ficcionais de Tucídides e Políbio os aprimorados princípios supra-narratológicos de “movimento do olhar” e “complementaridade entre objeto e modo de ver”, extrapolados por A. Bosi do *Dom Casmurro* de Machado de Assis, Breno Sebastiani reflete sobre o modo como os dois historiadores antigos conciliaram o olhar autóptico de personagens com o olhar distante de narradores, ou o modo como (re)viram e deram a (re)ver o seu próprio malogro político e o conseqüente exílio. Cruzando análise comparatista e histórico-filológica (através do relevo dado às circunstâncias históricas), este capítulo visa superar as insuficiências de algumas novas tendências narratológicas devidamente identificadas pelo autor.

Uma estimulante reflexão de Dostoiévsky em torno do D. Quixote de Cervantes dá a B. Sebastiani um bom ponto de partida para o terceiro capítulo: “A ironia do fracasso: Nícias e Tucídides, Aníbal e Políbio”. Deitando mão à noção de ironia dramática, extrapolada por M. Jay do pensamento de Hayden White e da dramaturgia clássica, Sebastiani questiona a possibilidade hermenêutica de Tucídides e Políbio fazerem ecoar os seus próprios fracassos no relato dos fracassos de Nícias e Aníbal. Por outras palavras, o autor procura fazer deduções de sentido a partir da ironia narrativa que julga encontrar nestas obras. Para este elaborado processo hermenêutico concorre ainda a noção de “compreensão do texto”, formulada por C. Romano, a par de outras como “palavra nova”, “anelo por realismo” ou “ironia existencial” sacadas a Dostoiévsky.

“O problema da verdade em Tucídides”, título do quarto capítulo, especula sobre a conceção tucidiana de *aletheia* nas suas múltiplas aceções: *qua* representação fidedigna do real; *qua* mediação problemática entre *ergon* e o *logos*; *qua* mediação aberta ou plurívoca entre texto e

leitor. Para melhor problematizar e explorar o tema, Breno abre para uma série de cruzamentos intertextuais e intersemióticos, projetando sobre os textos de Tucídides as lições filosóficas de W. Benjamin (lido por Löwy) e Agamben, bem como as vozes literárias de Guimarães Rosa e Machado de Assis ou cenas do filme *Gabbeh*, de M. Makhmalbaf.

Na sequência, o capítulo quinto singra também pela via do cotejo intertextual, pondo o Riobaldo do *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa em contraluz com a *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides. A aproximação dos dois textos tem como finalidade fazer ressaltar três estratégias narrativas comuns: a pausa como momento propício para a reflexão lúcida; a interrogação fundante; e a indeterminação da multiplicidade. Para além de outras bem achadas e curiosas, ainda que ocasionais, afinidades, o que aqui importa é olhar para a construção dos dois textos sob o foco da dialética história e ficção.

Em “verdade, narrativa e retórica em Políbio”, o autor retoma algumas das questões já anteriormente a floradas a propósito da obra deste insigne historiador do período helenístico. Atenta especialmente na noção de “vida mestra da história”, que percorre, como *leitmotiv*, os vários ensaios, e traz novamente à colação *topoi* como verdade histórica e retórica narrativa, ironia e *mimesis*. Parte das críticas que Políbio dirigiu aos seus homólogos antecessores, Filino, Fábio Pictor e Timeu, e termina refletindo sobre a dimensão *poiética* da história.

Também o sétimo capítulo, “a História como meio: o Odisseu mediador de Políbio”, põe em cena temas respigados de trabalhos anteriores. O autor regressa ao livro 12 das *Histórias* de Políbio para refletir sobre a função mediadora da história e, sobretudo, apresentar a sua interpretação do papel de Odisseu na obra de Políbio. B. Sebastiani tenta demonstrar a importância do contexto histórico-político do próprio historiador grego nas menções a Odisseu e conjectura sobre a possibilidade de Políbio fazer do herói grego um modelo de historiador e político com o qual se queria identificar.

“*Come se fugissi*: fracasso criador, verdade imanante” propõe um desfecho para a obra. Em jeito de balanço e conclusão, o autor apresenta uma série de meditações que visam unir o fim ao princípio, procurando ideias estruturantes e pontos de referência. Muito ao seu estilo e com a audácia associativa e criativa que o caracteriza, B. Sebastiani põe com a mesma facilidade em diálogo as obras de Tucídides e Políbio com um filme de G. Tornatore (*Malena*), com a filosofia de C. Romano ou um texto literário de A. Moravia, em todos eles entrevendo pontos de contacto e férteis indícios de reflexão.

Em suma, a sua obra impõe-se como recetáculo de interessantes, incessantes e frutíferos cruzamentos e vias de análise, fazendo do seu trabalho um caso quase singular e impressionante no panorama dos Estudos Clássicos, só comparável, em determinados aspetos, aos estudos de um Murari Pires ou aproximando-se das novas linhas narrativistas seguidas por Grethlein, Rengakos, Rood, Miltsios, Tsakmakis & Tamiolaki, entre outros. Como marca idiossincrática, cruza-se o pensamento moderno com o pensamento antigo, textos e sistemas semióticos ficcionais contemporâneos com textos clássicos, teorias hermenêuticas e epistemológicas com filologia e historiografia. A por vezes densa e concentrada sobreposição de temas e ideias e o intrincado aparelho conceptual e sintático que o suporta, demanda uma leitura persistente e paciente, que muito aproveitará a todos aqueles que queiram alargar horizontes de interpretação e ampliar perspetivas de análise. Com assinalável sagacidade e brilho intelectual, Breno Sebastiani revira os textos clássicos à luz de conceitos e reflexões hermenêuticas eminentemente contemporâneas, para testar a perenidade dos antigos e explorar novas problemáticas e cambiantes, algumas delas improváveis na *forma mentis* do homem antigo, mas possíveis e válidas à luz das novas teorias da receção. Por fim, o autor revela um sólido conhecimento dos assuntos e apoia-se num extenso e atualizado fundo bibliográfico.

MARTINHO SOARES

Universidade Católica Portuguesa

martinhosoares@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8153-2014>

https://doi.org/10.14195/2183-1718_73_15

SOUSA E SILVA, M. de F.; Paiva, J., *Teofrasto, História das plantas. Tradução portuguesa, com introdução e anotação*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016, 460 pp. ISBN: 978-989-26-1192-1

Recensão submetida a 25/11/2017 e aprovada a 19/06/2018

The greatest surviving work of ancient Greek botany, although celebrated among historians of science, has been undeservedly obscure to many classicists and general readers. It is remarkable that although the Latin translation by Theodore Gaza was published as early as 1483, the first translation into a modern language did not appear until the early